

## A PARRHÉSIA COMO FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO EM MICHEL FOUCAULT

CLABER ARAÚJO CORREIA\*

**RESUMO** Em seus dois últimos cursos no *Collège de France*, intitulados “O Governo de Si e dos Outros (1983) e a “Coragem da Verdade” (1984), Michel Foucault apresentou seus estudos históricos sobre a noção de *parrhésia* na cultura Greco-romana, retomando este tema que foi analisado no curso anterior, “A Hermenêutica do Sujeito”. Este artigo tem o objetivo de trazer a noção de *parrhésia*, a partir das pesquisas realizadas por Michel Foucault nessas obras mencionadas, como um procedimento de constituição da subjetividade através das práticas discursivas na sociedade grega. Essas práticas discursivas podem proporcionar a autonomia dos indivíduos mediante o exercício de subjetivação, promovido pela *parrhésia*, enquanto uma prática de liberdade. Desta maneira, este trabalho investiga a noção de *parrhésia* na obra de Foucault como um instrumento de formação e emancipação dos sujeitos, possibilitando o exercício da fala franca enquanto uma atitude corajosa de resistências aos discursos homogeneizantes.

**PALAVRAS-CHAVE** *parrhésia*; verdade; subjetividade; sujeito; autonomia; emancipação;

### Introdução

O conceito de *parrhésia* constituiu um elemento fundamental nas análises de Michel Foucault, sobretudo, a partir dos deslocamentos teóricos desse período de sua pesquisa. Esses deslocamentos metodológicos substituíram, em primeiro lugar, a história dos conhecimentos pela genealogia das formas de *veridicção*, em segundo lugar, a história das dominações pela análise genealógica dos procedimentos de governamentalidade e, em terceiro, uma teoria do sujeito ou uma história das subjetividades pela analítica histórica das práticas de si. Desta forma, Foucault desenvolveu uma análise crítica das experiências do sujeito ao longo da história, articulando-se à problemática dinâmica dos saberes e das verdades. No curso “O Governo de Si e dos Outros” (1982-1983), Foucault estuda a constituição dos modos de ser do sujeito a partir das práticas de si, analisando a noção de *parrhésia* como um ponto de articulação entre os três eixos de deslocamentos das suas pesquisas, resultando na tríade saber-poder-sujeito. Assim, nestes estudos, Foucault valoriza a possibilidade de dizer a verdade nos procedimentos

---

\* Mestrando PPGFIL - UFRRJ

de governo, revelando a necessidade que o indivíduo tem de constituir consigo e com o outros uma relação verdadeira.

### A história do conceito

Na Aula do dia 12 de janeiro de 1983, Primeira Hora<sup>1</sup>, no curso *O governo de si e dos outros*, Foucault mencionou o seu projeto sobre os “focos ou matrizes de experiências”, como a loucura, a criminalidade e a sexualidade e suas relações com os saberes, com a normatividade dos comportamentos e com a constituição dos modos de ser do sujeito. Explicitou os deslocamentos das suas análises a partir da mudança dos estudos da história do desenvolvimento dos conhecimentos para as formas de *veridicção*, o segundo deslocamento que se operou de uma teoria geral do poder ou da dominação em geral para a história e a análise dos procedimentos e das tecnologias de governamentalidade e o terceiro deslocamento de uma teoria do sujeito para uma análise das modalidades e técnicas da relação consigo. A análise das formas de *veridicção*, a análise dos procedimentos de governamentalidade e a análise da pragmática do sujeito das técnicas de si, constituíram, enfim, os três grandes deslocamentos que delinearão esta última fase de suas pesquisas. Dentro destes deslocamentos, Foucault estabelece a correlação entre esses três eixos de análises: o da formação dos saberes e das práticas de veridicção, o da normatividade dos comportamentos e da tecnologia do poder e o da constituição dos modos de ser do sujeito a partir das práticas de si. A noção de *parrhésia* aparece diante dessa necessidade de promover a correlação desses eixos. Nas palavras de Foucault:

E, ao colocar a questão do governo de si e dos outros, gostaria de procurar ver como o dizer-a-verdade, a obrigação e a possibilidade de dizer a verdade nos procedimentos de governo e na constituição de um indivíduo como sujeito para si mesmo e para os outros: é um pouco disso que eu gostaria de lhes falar esse ano<sup>2</sup>.

Nos estudos de Foucault, encontramos a noção de *parrhésia* associada a uma atitude moral, estabelecendo uma ética enquanto um procedimento técnico indispensável à constituição do sujeito como soberano de si mesmo. Nesta perspectiva, a etimologia da palavra refere-se ao “tudo-dizer”, a franqueza e a liberdade da palavra pronunciada no momento oportuno<sup>3</sup>. A *parrhésia*, nesta perspectiva, opera no sujeito transformações que são efetivadas a partir da

<sup>1</sup> FOUCAULT, *O Governo de Si e dos Outros*, p. 41.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p.42.

<sup>3</sup> FOUCAULT, *A Hermenêutica do Sujeito*, p. 334.

valorização do discurso verdadeiro, na medida em que promovem uma relação de soberania consigo mesmo.

Nos comentários de Foucault sobre o texto de Galeno no “Tratado das Paixões”<sup>4</sup>, observamos a ideia da obrigação de todo indivíduo de se preocupar consigo mesmo, ligada à noção do conhecimento de si. Ninguém pode cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si tornar-se, segundo Foucault, tecendo comentários ao texto de Galeno, uma prática para uma vida inteira, não podendo prescindir do trabalho do juízo dos outros. O meu “constituir-se” passa pela minha relação com o outro. Daí a necessidade de se dirigir ao outro. Na visão de Galeno, a partir das análises de Foucault, esse outro seria um homem maduro, com boa reputação e dotado de uma qualidade especial: a *parrhésia*, a fala franca. Como podemos observar em Foucault: “Com a noção de *parrhésia*, temos, como vocês vêem, uma noção que está na encruzilhada da obrigação de dizer a verdade, dos procedimentos e técnicas de governamentalidade e da constituição da relação consigo”<sup>5</sup>.

A noção de *parrhésia* na concepção de Foucault é uma noção “aranha”<sup>6</sup>, ou seja, que estende seus fios em todos os sentidos, que abrange vários domínios, sendo, portanto, uma noção muito complexa e amplamente utilizada em um conjunto de textos da Antiguidade, mas muito pouco pesquisada e analisada. Mesmo entre os antigos não se observa um estudo direto que faz referência a noção de *parrhésia*. Segundo Foucault, encontramos a noção de *parrhésia* em grandes textos de Platão, Eurípedes, Isócrates, Demóstenes, Plutarco, Marco Aurélio, Sêneca, historiadores, teóricos da retórica, nos cínicos, bem como na espiritualidade cristã dos séculos IV e V.

### **A parrhésia e o jogo das oposições**

O dizer tudo de forma franca, ousada e corajosa encontra-se em um regime de oposições. O discurso da verdade implica em desafios e grandes riscos para aquele que profere essas palavras: o *parrhesiasta*. O *parrhesiasta* é o protagonista da grande cena em que um simples súdito se levanta diante de um tirano, aos olhos de toda corte e desfere palavras francas como espadas afiadas, colocando sua vida em risco, proferindo um discurso que não agrada o rei. A atitude do *parrhesiasta*, em que tudo é dito, expressando as mais nobres virtudes da ousadia e da coragem, encontra seus possíveis adversários

<sup>4</sup> FOUCAULT, *O Governo De Si e dos Outros*, p. 43.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 45.

A *parrhésia*, enquanto franco-falar contida no discurso do mestre, depara-se com dois adversários: a lisonja e a retórica. A primeira, como adversário moral, impede o discípulo de perceber-se na sua integridade, como podemos observar no exemplo em que se pode distinguir o verdadeiro amigo daquele que não passa de um lisonjeador. Desta forma, a lisonja afasta o indivíduo de si mesmo, não colaborando para que este possa desenvolver uma relação de soberania consigo. Já a retórica, deve ser percebida em sua expressão mais adequada, enquanto uma arte de persuadir pelo discurso. Segundo o professor Samuel Mateus: “O problema de aceitarmos sem crítica que a Retórica é a arte de bem falar é que isso pode potencialmente levar-nos a separar uma arte da persuasão, de uma arte de agradar e, conseqüentemente, levar-nos a fazer coincidir a Retórica com a mera adulação, corrupção ou manipulação”<sup>7</sup>.

A partir desta perspectiva, a retórica pode oferecer um determinado empecilho ao mestre na promoção do discurso verdadeiro, enquanto uma técnica de subjetivação. A *parrhésia* encontra-se na dimensão de uma técnica e de uma ética que se refletem no silêncio do discípulo, perspectivando exercícios de subjetivação do discurso verdadeiro. A retórica na Antiguidade Clássica foi percebida não somente a partir sua persuasão e eloquência, mas, sobretudo, a partir da sua dimensão ético-moral, valorizando a atitude e a responsabilidade daquele que profere o discurso. Apontando para o objetivo da *parrhésia* filosófica, enquanto exercícios de subjetivação efetuados pelo discurso do mestre dirigidos ao discípulo, Foucault admite uma relação curiosa e emblemática com a retórica:

Em relação à retórica, o franco-falar deve dela libertar-se, não tanto nem unicamente para expulsá-la ou excluí-la, mas antes, uma vez livre em relação às regras da retórica, poder dela servir-se nos limites muito estritos e sempre taticamente definidos em que ela é verdadeiramente necessárias. Oposição, combate, luta contra a lisonja. . Liberdade, liberação em relação à retórica<sup>8</sup>

Assim, podemos admitir a retórica como uma possível adversária do discurso verdadeiro, na medida em que seja mal utilizada, ocasionando determinados equívocos e descaminhos na condução do aprendizado do discípulo. Desta forma, a retórica tem seu lugar de prestígio e nobreza na história do pensamento ocidental, bem como verificamos sua importância fundamental na formação do pensamento filosófico. Desde Sócrates, Platão, Isócrates, Aristóteles, até os pensadores medievais, modernos e contemporâneos, a retórica aparece como um recurso fundamental ao aprimoramento da busca da verdade.

<sup>7</sup> MATEUS, *Introdução À Retórica No Séc. XXI*, p. 19.

<sup>8</sup> FOUCAULT, *A Hermenêutica Do Sujeito*, p. 335.

Para Foucault, a *parrhésia* é, por excelência, a antilisonja porque oferece ao discípulo a oportunidade de exercer uma liberdade de si para si, constituindo-se como um sujeito moral. Nas palavras de Foucault, em relação à *parrhésia*, podemos ver que alguém “diferentemente do que acontece na lisonja, poderá constituir consigo mesmo uma relação que é autônoma, independente, plena e satisfatória”<sup>9</sup>.

A *parrhésia* é uma forma necessária do discurso filosófico, que possui a função de agir sobre a alma, não devendo ser uma arte ou técnica da retórica. A *parrhésia* e a lisonja são adversárias e inimigas. Não existe nenhuma maneira de relacioná-las. É um tipo de oposição radical. Já em relação à retórica, podemos estabelecer algumas considerações importantes para que possamos vinculá-la ao discurso verdadeiro da *parrhésia*. Ainda que o discurso verdadeiro encontrado na *parrhésia* tenha uma estrutura completamente diferente da retórica, podemos encontrar nas palavras do *parrhesiasta* elementos e procedimentos retóricos. Aqui encontramos uma antiga oposição muito explorada pelo pensamento grego clássico entre a retórica e a filosofia. No pensamento socrático-platônico, encontramos essa oposição. Em Górgias, podemos observar a estrutura do discurso retórico, como longo e contínuo, representando a artimanha do sofista em oposição à *parrhésia* do filósofo através do diálogo formado por perguntas e respostas.

Entre a sedução da retórica e o compromisso com a verdade da filosofia, podemos encontrar a fala franca, a *parrhésia* como a origem do discurso filosófico na concepção socrático-platônica. O grande orador grego, com a força, a beleza e o poder das suas palavras, encantava os expectadores nas assembleias e nas praças públicas, mas não era afetado pelo discurso que proferia e não agia sobre sua própria alma. Não havia, nas palavras de Górgias, segundo a visão de Sócrates, no diálogo de Platão, verdade. Quando *Górgias* foi escrito por Platão, Atenas vivia uma profunda crise econômica e política por ocasião da campanha fracassada da Guerra do Peloponeso, no século V a.C., em Atenas perde o domínio sobre as cidades-estados. Esse diálogo tem como tema principal a retórica, em que Platão defende seu bom uso como instrumento de verdade em oposição ao seu mal uso pelos sofistas, como instrumento de poder. A partir deste cenário de oposição entre Platão, Sócrates e os sofistas, Foucault encontra um ponto de apoio para defender a *parrhésia*, como uma tecnologia essencial na constituição do sujeito ético, enquanto autor das suas condutas e escolhas. Essas palavras, conduzidas pelos lisonjeadores, não produziam, na perspectiva foucaultiana, subjetivação, porque não agiam sobre o indivíduo, gerando autonomia e liberdade. Ao contrário, o discurso

<sup>9</sup> FOUCAULT, *A Hermenêutica Do Sujeito*, p. 340.

da retórica constituía com os ouvintes uma relação de submissão e autoridade da parte daquele que proclamava as mais encantadoras palavras. De maneira alguma, havia *parrhésia* na retórica, ainda que na *parrhésia* poderia haver um certo grau de retórica, na medida em esta última atuava na dimensão do discurso persuasivo, enquanto uma forma exemplar de constituição do sujeito a partir de uma procura da verdade.

### A *parrhésia* política

A *parrhésia* em seu momento político foi estudada por Michel Foucault a partir da sua relação com a democracia grega nos cursos no *Collège de France*, no ano de 1983. Na aula de 19 de janeiro de 1983, Segunda Hora, no curso “O governo de si e dos outros” há o anúncio de que a *parrhésia* será estudada no contexto das práticas de governo na Grécia Clássica. Retomando a peça *Íon*, de Eurípidés, Foucault menciona a ideia de uma tragédia do dizer-a-verdade, uma dramática do discurso verdadeiro que envolve a noção de *parrhésia*. Assim, pode-se constituir uma representação dramática do dizer-a-verdade no exercício do poder na sociedade grega. Existia na cidade de Atenas, três categorias de cidadãos: os pobres sem poder, entre os poderosos, os que se calam e não se ocupam dos negócios da cidade e aqueles que não se omitem e participam do jogo político. Neste contexto, a *parrhésia* é identificada como uma “espécie de palavra mais alta”, diferente do exercício do poder e do próprio estatuto do cidadão. Uma palavra que poderá ser exercida na cidade em condições não tirânicas, respeitando a liberdade dos outros. Nas palavras de Foucault:

É, portanto, uma palavra mais alta, porém uma palavra que dá liberdade a outras palavras, e que dá liberdade aos que têm de obedecer, que lhes dá liberdade, pelo menos na medida em que só obedecerão se puderem ser persuadidos. O exercício de uma palavra que persuade os que são comandados e que num jogo agonístico dê liberdade aos outros que também querem comandar é, a meu ver, o que constitui a *parrhésia*<sup>10</sup>

Esse tipo de relação de oposição compõe a dinâmica do risco político da palavra que oferece liberdade à outras palavras, por não trabalhar com a condição do poder tirânico que administra a cidade pela força. Na condição da liberdade da palavra e da necessidade de gerir as oposições pelo regime saudável da persuasão, constitui-se o campo da *parrhésia*. A *parrhésia* é analisada em um contexto democrático da cidade de Atenas, na perspectiva do princípio de *isonomia* (igualdade perante a lei) e da *isegoria* (direito de voto e de externar sua opinião). Desta maneira, podemos falar da fundação da sociedade democrática diante da valorização do discurso racional na vida política da cidade. A *parrhésia* corresponde à liberdade

<sup>10</sup> FOUCAULT, *O Governo de Si e dos Outros*, p. 98.

política e ao direito de justiça, oferecendo ao impotente um grito contra seu opressor. Assim, podemos falar de uma *parrhésia* política e uma *parrhésia* judiciária.

A *parrhésia* é um dos aspectos fundamentais da democracia, ainda que, no contexto da sociedade grega, somente o homem adulto e livre ateniense estivesse apto a exercer seus direitos de cidadão. Dentro de uma perspectiva que Foucault chamou de uma “circularidade essencial”, ambas se conectam para formar a estrutura fundante da vida política da cidade. O jogo *parrhesiástico* constitui-se a partir de uma dinâmica, de uma força que se caracteriza pelo conflito e pela disputa. Uma agonística muito rara e constante. Foucault afirma: “Para que haja *parrhésia* é preciso que haja uma liça entre diversas pessoas, é preciso que não seja o poder monárquico ou tirânico, mas que, na primeira fileira, haja certo número de pessoas que sejam mais influentes”.<sup>11</sup> Dentro do circuito da *parrhésia*, na concepção de Foucault, podemos observar uma ascendência legítima somada a coragem de afirmar-se a partir de um discurso verdadeiro. Nas análises de Foucault, a respeito dos discursos proferidos por Péricles, podemos constatar um intenso senso de *parrhésia* democrática, considerando as circunstâncias críticas em que foram declarados. O momento era de guerra e peste. Assim, podemos conferir à Péricles certas qualidades específicas de quem é político, democrata e *parrhesiasta*. Nessa perspectiva, não podemos definir a democracia pelo seu regime de igualdade de participação e manifestação de opiniões, mas pelo fato de que a cidade se encontrava sob a égide do interesse geral. Podemos perceber nas palavras de Foucault o desenvolvimento desse circuito entre a *parrhésia* e a política, quando se refere a Péricles:

é muito bom um político saber onde está o bem, mas além disso é preciso dizê-lo exatamente, e revelá-lo claramente a seus concidadãos, isto é, ter a coragem de dizer, ainda que o que diz desagrade, e ter a capacidade de expô-lo num logoi, num discurso suficientemente persuasivo para que os cidadãos obedeçam e adiram a ele<sup>12</sup>.

### **A autonomia e a liberdade do sujeito: considerações finais**

O exercício *parrhesiástico* garante a autonomia plena de si e do outro que circula através do discurso proferido, gerando a construção de um cuidado relacional. Esse discurso da verdade corajosa constitui, ao mesmo tempo, o exercício analítico da filosofia que reflete sobre si mesma e sobre seu papel enquanto um conhecimento crítico da sociedade.

<sup>11</sup> Ibid., p. 161.

<sup>12</sup> Ibid., p. 165.

Assim, podemos percorrer, a partir dessas análises, o caminho que constituiu as bases para a compreensão das formas pelas quais se processou a transformação de indivíduos em sujeitos, na cultura ocidental, através do pensamento filosófico da Antiguidade. Nessa perspectiva, a *parrhésia* constituiu uma tecnologia no desenvolvimento das práticas dos indivíduos sobre si mesmos. Essas práticas referem-se tanto ao corpo quanto à alma, capacitando o indivíduo para as batalhas da vida. Tais práticas constituem indivíduos fortes e corajosos. O termo grego utilizado por Foucault é “*Andreía*” (coragem), a resistência aos acontecimentos exteriores e capacidade de suportá-los sem sofrer, sem sucumbir, sem se deixar vencer por eles; “resistência aos acontecimentos exteriores, aos infortúnios, a todos os rigores do mundo”<sup>13</sup>.

A partir deste trabalho, podemos perceber a *parrhésia* como um procedimento, um meio pelo qual os indivíduos constituíram-se como sujeitos autônomos, através do exercício discursivo da verdade sobre si mesmo e sobre o outro. O sujeito circunscrito na perspectiva greco-romana apresentou-se para Foucault como uma ferramenta fundamental na constituição de uma nova subjetividade na sociedade contemporânea. Um retorno à Antiguidade clássica, através das pesquisas de Foucault, nos permitiu encontrar a noção de *parrhésia* como um precioso instrumento na formação e emancipação dos indivíduos, através da relação estabelecida consigo mesmo e com o outro, considerando sua constituição enquanto sujeitos éticos das suas condutas. Assim, podemos admitir um processo de formação e emancipação dos indivíduos a partir da valorização de uma construção de si, enquanto sujeitos senhores de suas ações e autores das duas escolhas. Nesta perspectiva, a *parrhésia* constituiu a valorização da verdade e da coragem contra as formas discursivas que muito enclausuraram e comprometeram a autonomia dos indivíduos. Desta forma, a noção de *parrhésia* vinculou-se ao surgimento do discurso filosófico, enquanto um defensor do espaço público do conflito de ideias a partir do vínculo do sujeito à verdade, promovendo uma formação ética e política, através dos pressupostos de uma sociedade democrática.

Nesse contexto, Foucault, através da análise sobre as formas do discurso, examina a noção de *parrhésia* e suas diferentes aplicações às relações e jogos de poder que constituem o sujeito ao longo da história ocidental. Essa análise abre a possibilidade de constituição de novas formas de subjetividades, mesmo nas sociedades atuais, em que a verdade, a “fala franca”, o “dizer tudo”, comprometem o sucesso de um contexto social e político que elogia as aparências.

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, *A Hermenêutica do Sujeito*, p. 383.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II*. 1ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. *A Hermenêutica do Sujeito*. 3ª Ed. Trad. Márcio Alves, Salma Tannus. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Governo de Si e dos Outros*. Trad. Eduardo Brandão. 1ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATEUS, Samuel. *Introdução à Retórica no Séc. XXI*. Lisboa: Editora LabCom.IFP, 2018.